

Miragem dissipada ao vento: efeitos de uma análise micro-histórica do turismo

DOI: 10.2436/20.8070.01.188

Esdras Matheus Matias

Doutorado em Ambiente & Sociedade pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Professor e pesquisador do Departamento de Turismo e Hotelaria (DTH) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
E-mail: esdrasmatheus@yahoo.com.br

Aline Vieira de Carvalho

Doutorado em Ambiente & Sociedade pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Pesquisadora e professora no Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da Unicamp (NEPAM/Unicamp) e da Pós-Graduação em História (IFCH/Unicamp) E-mail:
alineneepam@gmail.com

Flávia Consoni

Pós-doutorado no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP).
Doutorado em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail:
flavia.consoni@gmail.com

Aleix Altimiras-Martin

Doutorado em Economia Agrária (University of Cambridge, Inglaterra). Professor e pesquisador do Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT), do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail:
aleix@unicamp.br

Resumo:

Este estudo tratou de entender as transformações socioeconômicas advindas do turismo no cotidiano dos nativos do município norte-rio-grandense de São Miguel do Gostoso. Esta pesquisa é a última de uma trilogia que alinhou a Teoria da Micro-História e o Turismo, pautada nas microrrelações entre seus habitantes e o fluxo turístico. A investigação se deu por meio de imersões de campo realizadas entre 2014 e 2016. Usou-se como recorte metodológico o Distrito Sede e a seleção de dois grupos de entrevistados: um composto por sujeitos que exerciam cargos, como secretários municipais, prefeita e vice-prefeito, e um segundo grupo, representado pelos donos das empresas de esportes náuticos, atividade esta que proporcionou a alavancagem do turismo na cidade a partir da metade dos anos 2000. Utilizou-se um protocolo de entrevistas, de caráter semiestruturada, face a face, com gravações em áudio e registro de informações escritas à mão, além de observação direta do participante. Os depoimentos revelaram que especulação imobiliária, poder aquisitivo local, surgimento de novos empreendimentos, supervalorização dos preços de mercadorias, hospedagens e passeios, projeção nacional e empregabilidade sazonal apresentam uma cidade que cede ao apelo turístico e se confronta com ele cotidianamente. Por fim, concluiu-se que as revelações dos depoimentos sobre melhoria das condições de vida não refletem em totalidade outras dimensões do bem-estar social de São Miguel do Gostoso e não devem ser aceitos como exclusivos ou únicos ao enxergar um município. Além disso, a pesquisa revelou transformações socioeconômicas consideráveis atribuídas ao turismo, mais fortes que a emancipação municipal ou a energia eólica.

Palavras-chave: Turismo. Micro-História. São Miguel do Gostoso.

1. EIXOS NORTEADORES DO ESTUDO: UMA INTRODUÇÃO

Quantas histórias podem ser contadas sobre um lugar, um acontecimento ou uma tragédia? Que histórias chegam até nós, por quais meios e narrativas? Como e por quem essas histórias são escritas? Como dar vida aos números que retratam determinadas localidades?

Muitas histórias se perdem nas entrelinhas do cotidiano ou mesmo nas relações de forças implícitas nas batalhas entre narrativas que são escolhidas como dignas de serem memoradas. Embora não se descartem os registros oficiais, procurar-se-á explorar histórias contadas por vários personagens. Os protagonistas desta história são os atores locais de São Miguel do Gostoso, município do Rio Grande do Norte, que vivenciaram as mutações socioeconômicas de sua cidade pelo turismo.

Antes de ser um destino turístico, um lugar é um recanto único, onde repousam enredos do cotidiano, repletos de falas e vivências. Essas realidades escondidas atrás das cortinas de cada olhar, cada evento, cada paisagem, revelam pequenas descobertas de micro-histórias a serem contadas. Assim como expressa o historiador, educador e folclorista colombiano Ocampo López (2009, p224), “são as histórias conectadas que mundializam os problemas e aprofundam os horizontes interpretativos”.

Este estudo é focado no Distrito Sede de São Miguel do Gostoso (RN /Brasil), quota que retrata a área do município que mais foi afetada pelas mudanças induzidas pelo turismo, alterando definitivamente a paisagem, o modo de vida e a economia da região. Os fios medulares da pesquisa estão conectados à discussão da Micro-História na tentativa de entender como as microrrealidades socioeconômicas dos cidadãos litorâneos foram modificadas pela atividade turística, numa orientação de “deslocamento do macro para o

segundo plano em prol do micro” (HERRIG, 2015, p.04). A pergunta norteadora se concentra em: como as pessoas nativas sentiram, em suas microrrealidades, essas modificações socioeconômicas advindas desse fenômeno turístico?

O recorte dessa realidade micro, mas não pequena, visa compreender os aspectos inerentes de uma localidade, que já foi vila e distrito por muitos anos e que em 1993, alcançou o *status* de município (OLIVEIRA, 2017; COSTA e FONSECA, 2019; NERI, 2019). Não é apenas um recorte político geográfico, mas uma tentativa de enxergar uma realidade que foge ao olhar convencional. A pesquisa sobre São Miguel do Gostoso nasceu de uma afinidade com essas transformações em regiões de praia, que, camufladamente, modificam os cotidianos, ocupam os espaços e produzem reféns de uma especulação imobiliária. A relação dos nativos com sua terra, as transformações socioeconômicas e uma inquietação sobre o entendimento desse microsistema frente ao turismo eclodiram neste estudo.

Outro motivo para realizá-lo fundamenta-se no aporte teórico para o fortalecimento dos estudos em Turismo no Brasil. O Turismo é fruto desses novos tempos, acelerados, consumistas, pulverizados de informações e de envolvimento epidérmicos. Nessa conjuntura, é um dilúvio interdisciplinar, sem âncoras firmadas, que necessita de um diálogo com outras ciências devido às suas inúmeras interfaces, consistindo em muito mais do que simplesmente viagem, entretenimento ou lazer, mostrando-se um campo de estudo diversificado, que, de modo híbrido, permeia diversas áreas de conhecimento. Já a Micro-História reconhece a vida comum pautada nas relações do cotidiano, do homem comum, da família e da sua terra.

Este artigo é o último de uma trilogia de artigos fruto de uma tese de doutoramento sobre as transformações advindas do turismo em São Miguel do Gostoso (RN /Brasil) e sua relação com a Micro-História. Inovador no sentido de aliar as duas áreas do conhecimento, pouco exploradas conjuntamente. O primeiro artigo tratou das transformações socioculturais, o segundo das transformações socioambientais e este das transformações socioeconômicas.

2. MICRO-HISTÓRIA: TESTEMUNHOS SILENCIOSOS

Não é proposta deste artigo alçar voos interpretativos e historiográficos sobre o surgimento ou confrontamentos da Micro História como área de estudo. Ela aqui se revela como nosso porto, onde se fincam as âncoras para minuciosamente apoiar-nos como lente de investigação.

Embora cada lugar, cada canto, tenha sua construção histórica peculiar, desenhada ao longo dos tempos, esse contexto é fruto de uma série de elementos de um ambiente macro. A menor partícula de um lugarejo não está desconectada dos fatos históricos em nível nacional e mundial, como um ambiente sistêmico. Assim, “Es necesario comprender históricamente la conexión de lo individual, local y nacional, con lo continental y mundial, lo cual señala que todos los hechos se articulan y rearticulan constantemente” (OCAMPO LÓPEZ, 2009, p.225). Referências da Micro História com partículas, gota d’água, sombras ou outras terminologias do ‘pequeno’, reforçam o interesse na investigação em relações, depoimentos e averbações de cidadãos que fazem história no seu cotidiano, mas são esquecidos. Segundo Álvarez (2018, p.120) “La micro-historia es la recuperación de la tradición local, de las crónicas locales y de las crónicas de espacios sociales específicos, además que esa manera de contar las tradiciones y las crónicas locales están apegadas a la literatura”.

Os nomes de Giovanni Levi, Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi, Luiz Gonzalez y Gonzalez são sempre nomes de referência quando tratamos de Micro História (Lima Filho, 1999; Ocampo López, 2009; Revel 2010; Barros, 2013; Marquiegui, 2016). De acordo com Sanfelice (2010), a Micro-História é um mescla entre história cultural e social, uma forma diferente de contar uma história, renunciando à generalização, o macro. “Do ponto de vista lexical, contudo, a palavra micro-história apareceu pela primeira vez em 1978” (GIULI, 2017, p.144). Mas segundo Marquiegui (2016) endossado por Revel (2010) “Uma das primeiras obras que reivindicou pertencer a esse gênero, e do qual, poderíamos dizer que é inventora foi o livro de um mexicano, Luís González y González, *Pueblo in Vito: microhistoria de San José García*, publicado em 1968”.

Para o historiador francês Jacques Revel, uma convicção da Micro-História é o entendimento de uma escala menor de compreensão social, uma escala peculiar: “a inclusão de uma trajetória individual (a de um homem ou de um grupo de homens) numa multiplicidade de espaços e de tempos sociais, pelo novelo de relações que se criam em volta dessa trajetória e dão-lhe sua significação” (REVEL, 2010, p.439). Fato este relatado pelo historiador Carlo Ginzburg (2006, p. 104), em sua obra referência à Micro-História, quando enfatiza que a trajetória de um simples moleiro pode evidenciar as marcas macro de uma realidade “Nos discursos de Menocchio, portanto, vemos emergir como que uma fenda no terreno, um estrato cultural profundo. O que fica evidenciado na obra *O queijo e os vermes* é a abjuração das ideias que nascem nas classes dominantes. A Micro-História dá voz aos excluídos, aos pequenos, aos atores enumerados secundários, às pessoas simples.”. Já Herrig (2015) expressa que a Micro-História é uma aproximação com a Antropologia, tentando encontrar soluções que sigam além dos formatos quantitativos e seriais

Na opinião de Sanfelice (2010), três abordagens são destacadas para o reconhecimento do particular, da microanálise. Primeiro o microtema, abordando comunidades periféricas e personagens comuns; segundo a microanálise, descrevendo e interpretando casos minúsculos sob uma luz da macro-história. Terceiro, uma pesquisa detalhada, microscópica, com redução de escala de observação. Além disso, Barros (2013) evidencia o tom investigativo, a observação pormenorizada e sutil e a aproximação com a literatura quando se emprega a abordagem micro histórica.

Barros (2013) chama atenção aos pontos-chave na interpretação de uma abordagem micro histórica, valendo-se das ocorrências ditas secundárias, indícios, detalhes, situações que fogem à compreensão, mas revelam muito quando examinadas. Barros (2013, p.160) afirma que “A Micro História procura enxergar aquilo que escapa à Macro - História tradicional, empreendendo para tal uma redução de escala de observação, que não poupa os detalhes e o exame intensivo de uma documentação”. O autor (*id;ibid*) também apresenta três perspectivas de construir um texto com abordagem microhistórica. Adotou-se, neste estudo, o trabalho com aspectos contextuais mais amplos, aproximando-se aos poucos aproximando-se do problema específico, num movimento de fora para dentro.

Revel (2010) acentua que a escala menor não significa um estudo de objetos em tamanhos menores, mas esclarece as dimensões das contribuições de outras narrativas e os conhecimentos gerados por essa nova perspectiva. Esse mosaico de micro-histórias serve como um guia, na tentativa de traduzir efeitos de um turismo no dia a dia de um povo, que não por vocação, mas por adaptação, precisou lidar com metamorfoses de uma cidade jovem, ainda em processo de consolidação.

3. PERCURSO METODOLÓGICO: OS CAMINHOS DO VENTO

O pilar da investigação foi a aliança entre Micro-História e Turismo. Utilizando as bases teóricas da abordagem microhistórica perscrutaram-se os atores quanto à sua relação com o turismo da cidade, antes e após a emancipação do município. Para Barros (2013, p.154) “A prática historiográfica não deve ser definida propriamente pelo que se vê, mas pelo modo que se vê”. Com a Micro-História, foi possível uma radiografia dos participantes, atuando na sua rotina e vivenciando o campo de estudo pelo lado de dentro, o que corrobora, igualmente, a assertiva de Gil (2014). Por isso, as imersões no município por longos períodos foram tão significativas para entender as inter-relações como partícipe do sistema.

O estudo abraça as proposições de Barros (2013) para análise de dados micro-históricos, acata a abordagem de Herrig (2015) quanto à redução de escala, utiliza a explanação de Revel (2010, p. 440) “ mediante o estudo intensivo e aproximado de configurações e processos sociais” e coaduna-se com Muñoz (2012, p.190) no sentido de que “Esta perspectiva aboga por rescatar a los individuos, sus identidades e historias personales que los hacen únicos, reivindicando el marco regional y local como un gran mosaico donde la composición del diseño es plural y compleja”.

O desenho da pesquisa, as estratégias de investigação, os procedimentos de coleta, registro e análise de dados fundamentaram-se nas orientações e proposições qualitativas apresentadas por Creswell (2010).

A localidade possui 26 distritos e todas as imersões ocorreram no Distrito Sede, onde está localizada a sede administrativa, os empreendimentos turísticos e onde vive a maioria da população.

Durante dois anos de investigação *in loco* foram realizadas seis imersões em campo, sendo a última no fim do segundo semestre de 2016, totalizando 52 entrevistados. O recorte para este artigo foi constituído por dois grupos, que correspondem a 28, 8% do total de entrevistados. Um dos grupos foi composto por donos das empresas de atividades relacionadas aos esportes de vela (ou náuticos). Outro formado por moradores que assumiram cargos públicos nas secretarias do município (Agricultura e Pesca; Obras, Meio ambiente e Limpeza urbana; Turismo e comunicação; Tributos; Educação, Cultura e Desporto; Saúde; Assistência social, Trabalho e Habitação; Administração Geral), além da prefeita e do vice-prefeito. Um percentual de 75% dos secretários é oriundo do município e exerceu algum papel importante no processo de emancipação da cidade. Os jovens dos anos 1990 que lutaram pelo desmembramento de São Miguel do Gostoso, em sua maioria, exercem algum papel na história política do município ou estão relacionados à gestão pública municipal.

O primeiro grupo representa os donos das três escolas e/ou guarderias para a prática de *kite surf*, *wind surf* e *stand up paddle*. Essas escolas surgiram na segunda metade dos anos 2000 para atender à demanda de visitantes estrangeiros interessados no esporte náutico. A escolha por entrevistar os donos desses empreendimentos se sustenta pelo fato de que o *kite surf* tornou-se uma prática comum no município, empregando os nativos, criando um mix de serviços e estimulando a vinda de turistas adeptos do esporte. A diferença entre escolas e guarderias é que a primeira ensina a prática do esporte, e a segunda são lugares onde os praticantes do esporte podem guardar ou alugar equipamentos, como pranchas e velas

Tal atividade deu outro sentido à relação com o vento e o mar, empregou moradores, criou um fluxo turístico frequente e proporcionou eventos relacionados ao esporte.

Consideravelmente a atividade do esporte à vela trouxe transformações socioeconômicas para o município. Esse grupo constitui um conjunto de três atores, sendo dois deles estrangeiros. A escolha corrobora com a afirmativa de Creswell (2010, p. 212), de que “A ideia por trás da pesquisa qualitativa é a seleção intencional dos participantes e dos locais (ou dos documentos ou dos materiais) que melhor ajudarão o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa”.

O segundo grupo foi composto por sete secretários municipais, a prefeita da localidade e o vice-prefeito, abrangendo todos os representantes do poder público que possuem cargos oficiais no município. No caso da Secretaria de Turismo e Comunicação, especificamente, foram entrevistadas as três secretárias que assumiram o cargo entre os anos de 2013 e 2016. A escolha desse grupo se justifica por três motivos: a) o papel político e gestor que os secretários e a prefeita assumem no município; b) trata-se de sujeitos que, além de provenientes da localidade, são partícipes do processo de transformação alavancada pela atividade turística; c) quase a totalidade dos atuais representantes públicos constituem o grupo de jovens que, nos anos 1990, empenharam-se pela emancipação do município. Apoiando-se na afirmativa de Barros (2013, p. 192) de que, “quando se estuda o indivíduo, estuda-se a sua comunidade, a sua localidade, ou, conceitualmente falando, a sua configuração social”. Quinze atores compuseram o estrato para este artigo.

Embora a emancipação política do município (1993) não possa ser considerada um marco temporal para a atividade turística, porque a atividade já existia timidamente antes da emancipação (anos 1980), o desmembramento de Touros deu a São Miguel do Gostoso poder decisório para tratar das questões mais amplas, que não envolviam apenas o fluxo turístico.

Preferiu-se elaborar questões diferenciadas para moradores nativos e moradores que se incorporaram à cidade (forasteiros). Neste caso específico dos dois grupos, a intencionalidade era entrevistar todos, e assim foi realizado. Inspirado em Creswell (2010) utilizou-se um protocolo de entrevistas, de caráter semiestruturado, face-a-face, com gravações em áudio e registro de informações escritas à mão. Somado a isso, as últimas três pesquisas de campo geraram um acervo fotográfico com cerca de 900 imagens e mais de 54 horas de gravação, sendo 39 horas resultados da última imersão.

Embora as entrevistas seguissem um roteiro pré-estabelecido, os entrevistados foram deixados à vontade para expressar as próprias histórias de vida. Muitas delas entrelaçadas à cidade, às ruas, às rotinas, às celebrações, às conquistas e, principalmente ao turismo. Também convém sublinhar que este artigo concentrou-se em aspectos não discutidos nos outros artigos da trilogia, que tinham outros recortes e atores envolvidos.

Apesar da quantidade de imagens geradas, optou-se, neste artigo, por não analisar as imagens produzidas durante a pesquisa.

Quadro 1: Roteiro das questões de entrevista para moradores nascidos na cidade

1	Como era São Miguel do Gostoso antes da chegada do Turismo?
2	O que mudou na sua vida com a chegada do Turismo na cidade?
3	Quais são as modificações mais visíveis do Turismo no dia a dia da cidade e na sua rotina?
4	Como era São Miguel do Gostoso como distrito, antes de se tornar cidade?
5	Você apoiou a emancipação? Por quê? Como se deu esse processo?

6	Em sua opinião, a cidade conseguiria se redefinir sem o Turismo?
7	Para você, qual o grau de importância do Turismo na economia da cidade?
8	Elenque três pontos favoráveis e três desfavoráveis do Turismo para São Miguel do Gostoso
9	Como você vê o papel das ONGs quanto à proteção e à preservação do meio ambiente na cidade?
10	Em sua opinião, o que mudou no contexto ambiental (questões relacionadas à água, ao lixo, à poluição e à ocupação territorial) na cidade nos últimos anos?
11	Se você fosse definir São Miguel do Gostoso em uma frase, uma palavra ou desenho, como definiria?
12	Qual imagem retrata melhor São Miguel do Gostoso hoje?
13	Que cenário você imagina para São Miguel do Gostoso para os próximos 10 anos?
14	De que você mais sente falta em São Miguel do Gostoso? (Algo que existia e se perdeu com o tempo). Que recordação?
15	Você já pensou em ir embora daqui? Por quê?

Fonte: Elaboração própria (2016)

Quadro 2: Roteiro das questões de entrevista para moradores não nascidos na cidade

1	Onde você nasceu e por que veio para São Miguel do Gostoso? Há quanto tempo você está aqui?
2	Como surgiu seu negócio/atividade/ empreendimento com turismo? (Somente para aqueles que se tornaram empreendedores no turismo)
3	Em sua opinião, o que mudou em SMG depois da chegada do Turismo?
4	Quais são as modificações mais visíveis do Turismo no dia a dia da cidade e na sua rotina?
5	Em sua opinião, a cidade conseguiria se redefinir sem o Turismo?
6	Para você, qual o grau de importância do Turismo na economia da cidade?
7	Elenque três pontos favoráveis e três desfavoráveis do Turismo para São Miguel do Gostoso
8	Como você vê o papel das ONGs quanto à proteção e à preservação do meio ambiente na cidade?
9	Em sua opinião, o que mudou no contexto ambiental (questões relacionadas à água, ao lixo, à poluição e à ocupação territorial) na cidade nos últimos anos?
10	Se você fosse definir São Miguel do Gostoso em uma frase, uma palavra ou desenho, como definiria?
11	Qual imagem retrata melhor São Miguel do Gostoso hoje?
12	Que cenário você imagina para São Miguel do Gostoso para os próximos 10 anos?
13	Para você, qual o papel das instâncias de governo na atividade turística da cidade?
14	Como você enxerga dinâmica entre a AEGOSTOSO, prefeitura, empreendedores turísticos locais e moradores?
15	Você já pensou em ir embora daqui? Por quê?

Fonte: Elaboração própria (2016)

Como parte inerente à pesquisa qualitativa, trabalhou-se conjuntamente com a observação direta participante inspirada no que propõe Gil (2014). A observação direta participante nesta pesquisa assumiu a forma que Gil (2014, p.103) define como artificial, “quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação”. A seletividade da observação também é destacada por Gil (2014), visto que é improvável observar tudo que acontece.

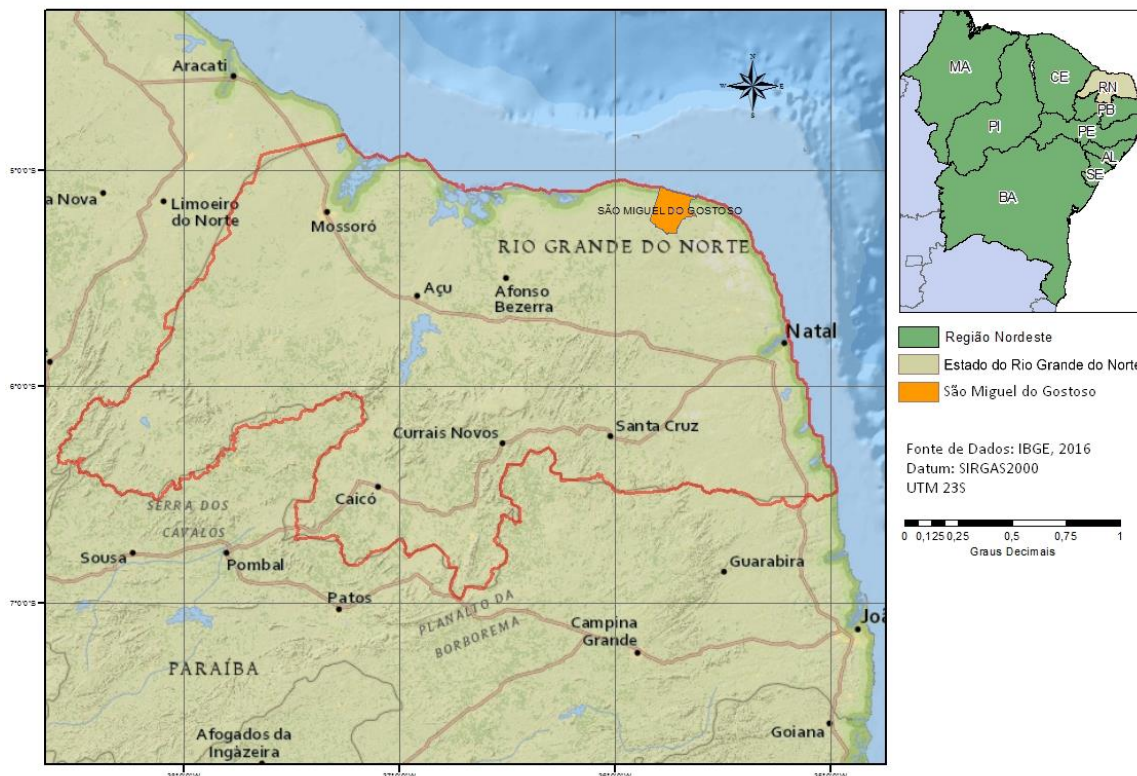
As imersões tinham como objetivo conhecer o grupo mais a fundo, característica de uma pesquisa participante (DENCKER, 1998). Três perspectivas foram trabalhadas nessa investigação: o que já ocorreu, o que estava ocorrendo e o que poderia ocorrer. A observação participante foi aplicada também por três razões, inspiradas na proposição de Haguette (2001): maior envolvimento do pesquisador no desenrolar da vida rotineira dos sujeitos; maximização da participação ativa pra obter melhor resultado dos dados e liberdade para escolha de instrumentos para direcionar a observação.

4. MIRAGENS DISSIPADAS AO VENTO: RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Fonseca, Alves & Lima (2016) o processo de internacionalização do turismo no Rio Grande do Norte se inicia na década passada, com a chegada de fluxos procedentes da Europa. Inúmeros outros investimentos foram realizados no Estado por meio de políticas públicas, visando à projeção turística da região a longo das décadas, como a criação da Empresa de Promoção e Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte (1971), construção da Via Costeira em Natal (1985), fomento à construção de hotéis e readequação e reforma do aeroporto da capital, inauguração do Centro de Convenções(1983), prolongamento da Br 101 Norte que liga Natal a Touros (1998) e a construção da RN 221 (1998) que para Taveira (2016, p.211), é “ a política que se apresenta como a de maior relevância para o desenvolvimento da atividade turística de São Miguel do Gostoso e coincidentemente a primeira a ser implantada”.

O povoado de ‘Gostoso’ foi fundado em 29 de setembro de 1884, em homenagem a São Miguel, sendo fincado um cruzeiro na praia de Maceió (ALMEIDA FILHO,2014). Esse cruzeiro foi usado como marco para cerimônias religiosas até a construção da igreja pelo morador Miguel Félix Martins em 1899. O nome Gostoso foi incorporado posteriormente (Pesquisa Direta, 2016, IBGE,2020). São Miguel do Gostoso faz fronteira com Pedra Grande e Parazinho a Oeste, Touros ao Leste e Sul e o oceano atlântico ao Norte (Figura 1).

Figura 1: - Mapa do Nordeste com destaque para o Estado do Rio Grande do Norte



Fonte: Modificado pelo autor a partir dos dados do IBGE (2016-2020)

São Miguel do Gostoso (RN) é uma cidade do litoral norte do Estado do Rio Grande do Norte, Nordeste brasileiro, localizado a 102km da capital do Estado (Natal) e integra o Polo Costa das Dunas (criado em 2005) que abrange 21 municípios do litoral oriental potiguar (TAVEIRA, 2016; FONSECA, ALVES & LIMA, 2016).

Para Costa e Fonseca (2019, p. 95) “Em 1993 São Miguel do Gostoso emancipou-se de Touros num contexto de reivindicações dos grupos organizados (igreja, professores, políticos) do então vilarejo”. Antes de 16 de julho de 1993, que marca o desmembramento do município de Touros (RN), São Miguel de Touros era apenas um distrito rural, de difícil acesso. Em pouco mais de duas décadas configurou-se como um destino turístico (Costa e Fonseca, 2019) voltado aos esportes náuticos, atraindo, principalmente, turistas estrangeiros e sua população quase dobrou, como pode ser constatado na Tabela 1.

Tabela 1: Evolução populacional (Gênero, rural e urbana) de São Miguel do Gostoso (RN)

Ano	1991	2000	2010	2020(Estimativa)
População oficial	5.797	7.580	8.670	10.362
Aumento em %	-----	29,7%	14,4%	19,5%
População residente masculina	3.008	3.972	4.474	-----

População residente feminina	2.789	3.608	4.196	-----
População urbana	-----	2.302	4.131	-----
População rural	5.797	4.678	4.539	-----

Fonte: Dados trabalhados pelo pesquisador a partir dos Censos do IBGE (2000; 2010); Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD), IPEA e Fundação João Pinheiro (2014).

Para Taveira (2016) durante a primeira gestão municipal três realizações expressivas direcionadas ao turismo foram implantadas na cidade, como o projeto de sinalização turística (1999) construção do terminal turístico da Praia da Xêpa (2000) e alteração do nome da cidade de São Miguel de Touros para São Miguel do Gostoso (2001). Embora a mudança do nome da cidade tenha ocorrido há quase 20 anos, nos dados do IBGE (2020) ainda é possível encontrar o gentílico como micaelense de Touros. Na pesquisa de campo em vários momentos os atores se autointitulavam como gostosenses.

A cidade conta com 26 distritos ou assentamentos, dos quais apenas um é considerado urbano, distrito este fruto da pesquisa, conforme Quadro 3.

Quadro 3: Distritos de São Miguel do Gostoso (RN)

1	Tabua	14	Baixinha dos Vieiras
2	Reduto	15	Cruzamento
3	Morro dos Martins	16	Janjão
4	Morro dos Paulos	17	Novo Horizonte
5	Baixio	18	Arizona
6	Umburana	19	Paraíso
7	Frejó	20	Mundo Novo
8	Baixinha dos França	21	Fazendinha
9	Angico de Fora	22	Angico Velho
10	Praia do Marco	23	Santa Fé
11	Ouro Branco	24	Nova Esperança
12	Canto da Ilha de Cima I	25	Canto da Ilha de Cima II
13	Antônio Conselheiro	26	Sede (único urbano)

Fonte: (ARAGÃO, 2001; Elaboração própria, 2020).

Nas imersões de campo verificou-se que tanto a emancipação como o turismo, foram dois fatores que influenciaram o crescimento do município. Já se ventilava a possibilidade de emancipação no final dos anos 1980. Havia, inclusive, uma campanha eleitoral sob o slogan “Saúde, educação e emancipação”. É comum nas entrevistas a ênfase do esquecimento do então distrito de Gostoso pela gestão pública de Touros: “A necessidade nasceu da falta de assistência de Touros” (Depoimento 36).

A projeção midiática nacional propiciada pelo fluxo turístico, intensificou o interesse em firmar residência na localidade e no surgimento de empreendimentos direcionados à

atividade turística. “Logo que Gostoso caiu na mídia começou a chegar gente de todo canto do mundo para morar, comprando terra... então, junto com a especulação imobiliária e com o turismo, vinha aquela coisa tipo uma tsunami, essas terras eram tudo vendida e sendo ocupada por quem vinha chegando” (Depoimento 39).

Os abundantes empreendimentos turísticos, em sua maioria pousadas, estão concentrados no Distrito Sede (Figura 2) onde dividem espaço com moradores, pescadores e escolas de *kite surf*, *wind surf* e *stand up paddle*.

Isso reflete a opinião de Sousa, Matias e Selva (2016, p.177) de que “a força da atividade turística como instrumento de desenvolvimento torna-se ainda maior, especialmente pelo extraordinário potencial natural, localização geográfica, condições climáticas e pela natural hospitalidade, tão característica dos habitantes dessa região”. Essas condições socioambientais, políticas, climáticas (força dos ventos) e socioculturais fomentaram o turismo em São Miguel do Gostoso. O crescimento dos empreendimentos de hospedagem revela isso. De uma pousada em 1985, para três em 2000 e mais de 60 em 2016, em sua totalidade concentradas no Distrito Sede.

Figura 2: Vista aérea do Distrito Sede, com destaque para a Avenida dos Arrecifes



Fonte: Canindé Soares (2012)

Embora o foco da investigação não seja a energia eólica, muitos entrevistados atribuíram o “desenvolvimento da cidade” à implantação dos parques de energia renovável. Cada empresa de energia renovável localizada na região é dona de um conjunto de parques, espalhados não somente em São Miguel do Gostoso, mas em outros municípios vizinhos. Tanto a energia eólica quanto o turismo são citados como agentes transformadores, mas a

“simpatia” pelo turismo é maior. Importante ressaltar que o volume de empregabilidade da eólica é temporário (ciclo de dois anos) e o do turismo sazonal (entre setembro e fevereiro).

No caso do turismo, a dinamicidade é diferente, visto que requer menos especialidade dos autóctones para realizar uma atividade laboral e é mais constante. A empregabilidade da atividade turística é defendida por Oliveira (2017, p.102), para quem “o turismo apresenta-se em destaque em termos de empregabilidade, por ter crescido a cada ano, aumentando a captação de mão-de-obra e se apresentando como uma oportunidade profissional à população do município” e por depoimento da população: “Eu acredito que 80% das pessoas que estão empregadas em São Miguel do Gostoso estão empregadas no turismo, com certeza o turismo é a alma da cidade (...) a oportunidade que o turismo abriu de uma especialização, mesmo básica que fosse e a entrada no mercado de trabalho dos nativos da região” (Depoimento 18)

O arrendamento das terras da zona rural para as empresas de energia eólica gerou rendimentos para os moradores de áreas dantes esquecidas e sem valor de mercado. “O morador local foi perdendo sua terra para a energia eólica” (Depoimento 22). Essa afirmação se refere ao aluguel e/ou ao arrendamento das terras para as empresas de energia renovável. O turismo também arrebatou as terras, adquirindo os terrenos próximos à praia para instalação principalmente de meios de hospedagem e restaurantes. Apesar desta assertiva, outro morador assim associou o turismo e suas influências: “De desfavorável o turismo não traz nada!” (Depoimento 18).

Quando confrontadas as transformações socioeconômicas da energia eólica e do turismo, as respostas reforçam que, mesmo sendo sazonal, o turismo gera empregabilidade mais constante e requer menos especialização das atividades. As assertivas a seguir confirmam essa condição: “A energia eólica vai embora, o turismo é constante” (Depoimento 8), ou “A energia eólica é transitória” (Depoimento 7) e ainda “O turismo exige menos qualificação e aparato técnico” (Depoimento 6). O depoimento do entrevistado seis reflete o que Paul (2012) aborda quando expressa que, em comparação com outras indústrias, o turismo requer menos especialização. Embora ressaltado como uma vantagem “ter menos qualificação”, essa característica comum na atividade turística local gera improvisos, informalização dos empreendimentos, rotatividade de mão de obra e flutuação dos próprios equipamentos.

Embora a proposta de pesquisa não fosse averiguar os impactos, nem a dimensão das ações, a amplitude e os investimentos do setor privado de energia no município, cabe ressaltar a importância sistêmica da eólica nas condições locais. A repercussão da instalação dos aerogeradores, a opulência dos investimentos, a magnitude dos parques e a ressonância nas questões socioambientais e econômicas, merecem levantamentos aprofundados para futuras pesquisas. Não cabe neste estudo esmiuçar as questões que envolvem a energia eólica, mas citá-la como um componente também transformador.

Há uma generalização das falas quanto aos impactos econômicos positivos relacionados ao turismo. Todas as entrevistas reforçam os indicadores propostos por Ivanova (2017) quanto aos impactos positivos do turismo em comunidades receptoras: aumento dos negócios locais; aumento da empregabilidade; aumento dos investimentos na região; aumento do bem-estar econômico e crescimento econômico acelerado. Importante esclarecer que esse turismo está relacionado aos esportes de vela, impulsionado pelos fortes ventos da região.

Outro destaque nas entrevistas é sobre a especulação imobiliária. De terrenos dantes sem nenhum valor de mercado, a cidade hoje lida com valores exorbitantes na compra, venda ou aluguel dos seus espaços. Habitualmente, as terras são comercializadas por valores muito

acima do poder aquisitivo dos locais. Para o entrevistado 11, “Os terrenos da praia não têm preço”, ou, ainda, “A especulação imobiliária em São Miguel do Gostoso fez com que o metro quadrado fosse cotado num valor irreal” (Depoimento 22). Os moradores que venderam seus terrenos nas proximidades da praia não mais voltaram ou fixaram residência nas ruas mais atrás da Avenida dos Arrecifes ou foram morar nos distritos rurais. Para Almeida Filho (2014, p.22) “Avenida dos Arrecifes forma a principal via de circulação do município e também possibilita o acesso às principais praias do centro de São Miguel do Gostoso (Ponta do Santo Cristo, Praia do Cardeiro, Praia da Xêpa e Praia do Maceió)”.

Mesmo assim, ainda é possível ver os nativos vivendo no trecho principal do Distrito Sede. No entanto, a Praia da Ponta do Santo Cristo tornou-se uma ilha poliglota, com escolas e guarderias de *kite surf*, pousadas de alto nível e valor agregado do terreno muito alto. Os nativos não estão mais na Ponta do Santo Cristo.

Para o entrevistado 28, muitos moradores locais se deslumbraram com a possibilidade fácil do dinheiro da venda das terras: “Quem morava lá perto do mar em vez de comprar uma boa casa ou outra coisa... comprou um carro (...) o problema é que eles não sabiam lidar com dinheiro e perderam muito com isso”, ou, ainda, “O povo não conhecia dinheiro, começou a vender” (Depoimento 37). No passado, tanto as terras próximas às praias quanto as rurais tinham pouco valor. Os terrenos da praia foram valorizados pela chegada do turismo, e os rurais, pela fixação dos aerogeradores das eólicas. Apesar da avalanche de compra e venda ter se retraído, ainda é comum encontrar placas de compra e venda de lotes, casas e terrenos.

Se nós tivermos os pés no chão, será uma cidade boa para se viver (...) O pessoal nativo tá se afastando do centro da cidade. Por que? Poder aquisitivo! Tú chega, tem tua casinha, teu terreno, chega um cabra e dobra! Os nativos tão indo para os distritos mais afastados da cidade e isso vai fazendo com que o nativo vá perdendo sua identidade! Na hora que um nativo se afasta, ele perde sua identidade. Quem tá no comando da administração tem que ter sempre os pés no chão e a proteção dos nativos (Depoimento 7).

Como afirma Christofakis (2010) são necessárias ações adequadas para um uso melhor e racional das atividades econômicas. O deslumbre com o dinheiro fácil e empregabilidade gera uma falsa ideia de desenvolvimento, associado à compra de bens de consumo e quantidade de empresas estabelecidas. Uma miragem, pois muitos desses empreendimentos vão à falência devido à sazonalidade.

Outro fator destacado por Christofakis (2010) enfatiza a expansão da atividade turística incrementada pelo número de visitantes em geral, excedendo a capacidade dos recursos locais, principalmente no verão. Apesar disso, o turismo é aclamado como principal atividade do município por todos os entrevistados.

Eu só vejo crescimento, uma ascensão constante (...) eu vejo o número de pousadas aumentando cada vez mais, realmente quem alavanca o município é o turismo. Vem muita coisa boa, mas a coisa ruim também vem na bagagem. Tudo gira em torno do turismo. O turismo proporciona muito mais resultado, emprega muito mais, pra mim é a atividade número um. Para mim o esporte à vela está associado ao turismo. Tirando o turismo ia ser um grande impacto. Difícil ver outra atividade comercial ou industrial (Depoimento 15).

O turismo propiciou empregabilidade e um aumento considerável nos valores dos terrenos associado à especulação imobiliária (comum nos depoimentos), bem como um *boom* nas construções, além de um redesenho do trabalho, emprego e renda, como Trindade (2009, p.106) apresenta a seguir:

A atividade do turismo mudou, assim, não só a paisagem local, mas também as relações de trabalho. Antes cada indivíduo era proprietário de sua terra e donos dos seus instrumentos de produção, organizados como trabalhadores autônomos com vistas à subsistência, mas que agora, inseridos numa lógica capitalista, passaram a vender sua força de trabalho, cada vez mais especializada, conformando uma complexa divisão social do trabalho, aos proprietários dos equipamentos turísticos”

Segundo os dados do Inventário Turístico de São Miguel do Gostoso (2014), a empregabilidade no setor de turismo e a hospitalidade em quantidade de funcionários obedece a seguinte ordem: meios de hospedagem, serviços de alimentação e bebidas, equipamentos turísticos e outros serviços. Na terceira categoria, incorporam-se os serviços náuticos (escolas e guarderias). Normalmente as escolas e guarderias funcionam conjuntamente. Uma especializada em ministrar aulas, principalmente para os turistas dos esportes à vela. As guarderias além de guardar ou alugar equipamentos, também atuam como socorristas no caso de acidentes. Além disso, também é possível encontrar lojas que vendem produtos relacionados à prática do esporte. Tudo isso reforça o que se constatou *in loco*: antes dos esportes náuticos, a cidade não tinha projeção, fluxo nem empreendimentos turísticos.

A primeira pousada de São Miguel do Gostoso surgiu em 1985, a Pousada do Gostoso (PESQUISA DIRETA, 2016; TAVEIRA, 2018; NERI, 2019). Só depois de 14 anos, surgiram mais duas. Depois do *kite surf*, os meios de hospedagem já ultrapassam a marca de sessenta unidades, seguidos pelos serviços de alimentação fora do lar, como bares, restaurantes e similares. Os destaques na mídia nacional também causam um misto de preocupação e orgulho: “Somos mais cobrados porque temos mais visibilidade (...) precisamos dar respostas, dar resultados” (Depoimento 14).

Nas entrevistas percebeu-se também a migração da força de trabalho da agricultura e da pesca para o setor turístico, causando um esvaziamento e desvalorização da pesca e da agricultura. “A nossa pesca artesanal está num momento de decadência, a nossa agricultura é de subsistência, a energia eólica trouxe impostos e recursos, deixam as torres (...), o turismo é a principal fonte de renda (...) a cidade conseguiria viver sem o turismo, mas pessoas iam sentir dificuldade e o padrão de vida teria que mudar” (Depoimento 36).

Conforme o modelo teórico proposto por Hall (2001) o turismo em São Miguel do Gostoso segue duas abordagens: uma focada no fomento e outra econômica focada na indústria. A primeira parte do pressuposto é que o turismo é saudável “inerentemente bom e promove vantagens para o anfitrião” (HALL, 2001, p.43). Segundo o pesquisador essa abordagem não leva em consideração os impactos socioculturais, econômicos e ambientais e resulta de pouca participação popular nas decisões pertinentes ao município. A outra abordagem é centrada prioritariamente nos benefícios econômicos do turismo, a fim de gerar empregabilidade, renda e poder aquisitivo. Para Hall (2001, p.48) “Uma das principais características da abordagem econômica é o uso do marketing e da divulgação para atrair o tipo de visitante que proporcionará o maior benefício econômico ao destino, considerando seus recursos turísticos específicos”. Isso pode ser visto na Figura 3.

Figura 3: Propaganda de São Miguel do Gostoso na revista Viagem e Turismo

NORDESTE

SÃO MIGUEL DO GOSTOSO RN

Segundo uma lenda da região, a antiga São Miguel de Touros mudou de nome devido a um antigo morador, chamado de Seu Gostoso, que tinha um humor e risada incomuns. O fato é que a população da pacata cidade exala simpatia. Nos últimos anos, o número de turistas aumentou devido aos bons ventos, que vêm atraindo kitesurfistas do mundo inteiro. Mas os preços continuam mais baixos que os de outros destinos nordestinos, como Jericoacoara.

HOSPEDAGEM
Os hotéis se concentram em duas regiões: o Centro, que abrange as praias Cardeiro, Xepa e Maceió; e a Ponta do Santo Cristo, o melhor point de kitesurf. Pertinho da Ponta do Santo Cristo, o **Ilha do Vento** (ilhadovento.com.br; diárias a partir de R\$ 170) tem vários tipos de quarto. A **Pousada Curva do Sol** (pousadacurvaDOSOL.com.br; desde R\$ 180), no Centro, dispõe de acomodações com micro-ondas.

GASTRONOMIA
Entre as poucas opções perto da areia, o **Bar do Tico** (*Praia do Cardeiro*) é um dos melhores. De sua cozinha saem frutos do mar fresquinhos

DICA
A 5 quilômetros de Gostoso, em Reduto, fica a sede do Grupo de Labinhteiras, aberto apenas no período da tarde. Além de observar o trabalho das artesãs, elas negociam a renda a um preço mais baixo que os encontrados nas lojinhas centrais ou nos mercados de artesanato de Natal.

E a **Pousada Enseada do Gostoso** (pousadaenseadadogostoso.com.br; desde R\$ 180) fica a apenas alguns passos da Praia Maceió.

(R\$ 30, em média). E o **Tuk Tuk** (*Avenida dos Arrecifes, 1784*) aposta em receitas como atum com crosta de gergelim para fregar os casais. Ao lado da praia, mas com funcionamento apenas noturno, o **Madame Chita** (*Avenida Enseada das Baleias, 1947*) é especializado em crepes – o de filé com funghi custa R\$ 26.

PASSEIOS
Se tiver de escolher apenas um item da viagem para gastar mais, que seja o **passo de bugue até Galinhos**, um dos melhores do gênero no país. São 90

quilômetros (só de ida) passando por dez praias em meio a dunas e falésias, com paradas para banho. Custa R\$ 400, em média, mas dá para dividir o valor em quatro pessoas. Outro programa legal (e grátis) é o **Farol do Calcanhar**, na vizinha Touros, o mais alto do Brasil – tem 62 metros. Entre as praias, as mais belas são a badalada **Ponta do Santo Cristo** e a de **Tourinhos**, semideserta.

TRANSPORTE
A partir da capital potiguar, de carro, deve-se pegar a BR-101 e, depois, a RN-221. A **Viação Expresso Cabral** (R\$ 17,50) faz a ligação entre as duas cidades de ônibus.

Uma das praias desertas da região

Fonte: Revista Viagem e Turismo, setembro de 2015

Isso reforça a explanação de Canclini (2016, p.76) de que “O papel da mídia não interessa apenas por sua função de difusora, mas também pelas operações de reconceitualização e metáforização que realiza em conexão com outros campos da vida social”. O turismo gerou a visibilidade e a cobrança que o morador destacou.

Influências relevantes para a localidade além das políticas de turismo e o marketing turístico do Estado, foram as próprias mudanças que a globalização trouxe para a dinâmica local. “O Estado priorizou o Turismo” (Depoimento 15). Fluxos externos nacionais e

internacionais possibilitaram novos deslocamentos e o descortinamento de províncias, regiões e lugares, dantes protegidos por seu anonimato. Esses fluxos não controláveis foram facilitados pelo advento das comunicações e dos transportes, apresentando o lugar ao mundo.

O turismo é visto frequentemente como um setor que proporciona finalidades econômicas, benesses sazonais. Investimentos em turismo não resolvem problemas intrínsecos dos lugares, como educação básica, saúde e infraestrutura. Mas, aliado a um planejamento em longo prazo, pode contribuir para um melhoramento, mesmo que tímido, da qualidade de vida de um povo (desde que expanda alguma liberdade humana, mesmo que instrumental).

Outra miragem é o uso do termo ‘desenvolvimento’ erroneamente, valorado pelo ganho apenas material e poder de compra, esquecendo-se, por vezes, outras dimensões do seu contexto. Para Veiga (2017, p.236) “O desenvolvimento tem a ver, primeiro e acima de tudo, com a possibilidade de as pessoas viverem o tipo de vida que escolherem, e com a provisão dos instrumentos e das oportunidades para fazerem suas escolhas”.

O termo desenvolvimento foi usado exaustivamente nas entrevistas, mas, na verdade, esses depoimentos se referem ao crescimento econômico e ao poder aquisitivo gerado pela atividade turística. Outras opiniões são mais maduras e sensíveis dos dois lados da moeda do turismo: “A gente tem um potencial muito forte. Esse crescimento acelerado eu acho que foi ruim, a gente não teve tempo de se preparar... temos muita dificuldade por ser um município pequeno e falta de profissionalismo” (Depoimento 42). O profissionalismo retratado na fala do entrevistado reporta à pouca qualificação dos profissionais que se envolveram na atividade turística. Pescadores, agricultores e artesãos, que largaram seu ofício e se empregaram em pousadas, restaurantes e outras empresas do setor de hospitalidade.

Para o economista polonês Ignacy Sachs “O desenvolvimento é um conceito multidimensional (...) e contém uma condicionalidade ambiental” (SACHS, 2008, p.71). O crescimento evocado pelo turismo salvador não condiz com um desenvolvimento em pleno sentido. Esse desenvolvimento está intrinsecamente imbricado com melhorias socioambientais e subjetivas dos indivíduos, indo além dos benefícios estritamente econômicos. Inevitavelmente o turismo recai como uma atividade baseada nas visões mais estreitas do desenvolvimento centradas em índices econômicos, volume de entradas de divisas e circulação de moedas. Como afirma o economista americano Moses Abramovitz (1989), desenvolvimento não consiste somente na disposição de bens materiais e serviços.

As microrrealidades dos indivíduos foram modificadas pela atividade turística no município e as transformações socioeconômicas foram mais proeminentes depois das intervenções do turismo nos cotidianos dos atores, com a chegada do turismo náutico na metade dos anos 2000. Embora houvesse discordâncias quanto ao que de fato causou grandes transformações, os anos de trabalho de campo revelaram que a chegada das escolas e/ou guarderias de *kite surf* foi determinante para a maioria das transformações provindas pelo turismo.

A emancipação e o surgimento das primeiras pousadas (1985 e 1999) não causaram grandes impactos ao cotidiano dos nativos e dos não nativos em comparação ao turismo náutico, implantado nos últimos quinze anos. Numa escala, assim seriam classificadas as transmutações socioeconômicas em ordem de amplitude e impacto: o turismo (em primeiro), a energia eólica (em segundo) e a emancipação (em terceiro), sendo o turismo a mais contundente, relevante e presente na rotina da população local.

Que tipo de turismo os habitantes de uma localidade almejam? Que expectativas os atores têm com o futuro da cidade? Talvez os próprios habitantes ainda nem saibam que tipo de turismo desejam, mas nos seus depoimentos há um certo clamor na manutenção das identidades, suas histórias construídas no labor no mar, na agricultura e no artesanato. Esse tripé pode ser valorizado e agregado de significados. Quanto ao futuro da cidade há uma mistura de romantismo e realidade, esperança e pessimismo, participação e omissão.

É tão complicado Gostoso daqui há dez anos! A gente não está num bom caminho. Se eu acredito ser possível um Gostoso melhor daqui há dez anos? É possível! Mas com um empenho muito grande da população, uma intervenção de verdade. Uma intervenção de quem quer morar numa cidade boa, e não em qualquer lugar. Se o discurso e a prática caminharem juntos teremos uma boa cidade. Todos nossos vereadores são daqui e talvez a coisa não receba mais pressão de fora por conta disso(...) no frigar dos ovos as decisões finais partem da nossa gente. Temos um poder de articulação local (...), mas se o povo quiser esculhambar, será esculhambado, então eu tenho confiado nisso. Os moleques continuam indo para a escola, o posto de saúde continua atendendo o povo, o comércio continua vendendo fiado...coisas de interior mesmo (Depoimento 30).

O turismo pode possibilitar um dos alicerces do desenvolvimento, mas não sua plenitude, e, pelo seu caráter sazonal temporal, não cria condições definitivas para um desenvolvimento sistêmico. Nos depoimentos, também se revelou o uso equivocado do termo sustentável para qualificar desenvolvimento, corroborando a opinião de Veiga (2017). Mas, o aprofundamento dessa discussão excede a proposta deste artigo e certamente geraria outros desdobramentos e questões de pesquisa.

As modificações de uma cidade como São Miguel do Gostoso abrangem todas as dimensões (sociais, culturais, ambientais e econômicas) e para compreender as pontas da rosa dos ventos só mediante um olhar interdisciplinar. “Agora acreditamos que o que ocorre na cidade é a sedimentação de um conjunto multideterminado de processos globais internos e externos que nenhuma disciplina pode estudar isoladamente” (CANCLINI, 2015, p. 93). Parafraseando Canclini (2015), falou-se da cidade e deixou-se a cidade falar.

Barros (2013) esclarece que os discursos falseados ou contraditórios dos atores são preciosos para o texto micro histórico. Para Micro História os pequeninos gestos, as hesitações, as palavras não ditas, o discurso standardizado ou o silêncio, falam mais da cidade e dos indivíduos do que se imagina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de 27 anos da emancipação do município, muitos ventos sopraram em Gostoso, um redemoinho de mudanças estruturais, econômicas, socioculturais e ambientais, resultantes de uma dinâmica sistêmica. Os moradores foram, paulatinamente, lidando com uma nova cidade que se desenhava, esboços de um município que abandonava características de refúgio e resguardo, para adaptar-se a um novo ciclo, impregnado de novos contextos e outros ventos.

Municípios de praia têm características similares, mas carregam em si composições identitárias muito distintas. Impossível comparar comunidades costeiras, impregnadas de saberes, construções e patrimônios tão diferentes, mesmo pertencentes ao mesmo Estado. No

decorrer da pesquisa, foi possível sentir a relação dos “gostosenses” com sua terra, seu espaço, sua história contada de geração em geração, suas lutas, tudo moldado pelos fortes ventos das mudanças. Mudança nos anos 1990 pela emancipação e, nos anos 2000, com o turismo.

Muitos são os caminhos que levam a uma cidade. São Miguel do Gostoso, antes acessível somente pelas areias das praias do litoral norte ou por trechos de piçarro numa aventura que ardia em horas, não existe mais. Os caminhos, os tempos e os visitantes também são outros. Este caminho, inspirado pelos fortes ventos, soprou possibilidades de inovar na aliança de uma Teoria que valoriza a voz dos moradores. Tratar a Micro-História e Turismo é uma temática inovadora, uma junção que possibilitou ricas descobertas.

Nunca é uma réplica, é sempre uma exclusividade. Parte-se do pressuposto de que as pessoas são únicas, portanto, originais. Toda história é carregada em si de originalidades sutis, mescladas com aprendizados ambientais e doses homeopáticas de hábitos construídos. Será que as pessoas tendem a se comportar de modo diferente em outros contextos de mar? Pode-se sugerir que este trabalho inspire outros, mas de onde vem a inspiração de cada um?

O papel do pesquisador não para nunca, ele se transforma, lapida-se, como um incansável processo de descoberta de um arqueólogo. Desde a primeira vez em que se pisou em São Miguel do Gostoso, as transformações brotaram a cada imersão. Visivelmente questões como especulação imobiliária, poder aquisitivo local, surgimento de novos empreendimentos, supervalorização dos preços de mercadorias, hospedagens e passeios, projeção nacional e empregabilidade sazonal, apresentaram uma cidade que cede ao apelo turístico e se confronta com ele cotidianamente. Essas transformações socioeconômicas ficaram evidentes nas imersões de campo, participando-se da rotina da localidade, confundindo-se ora como morador, ora como turista, ora como pesquisador.

Nesse período as transformações foram visíveis, impregnadas de sentidos, peculiaridades e surpreendentes revelações. Há nos registros do passado, uma áurea de confinamento e reclusão, como uma vila que se protegia do mundo na sua estufa, que foi sendo rompida pelas movimentações e dinâmicas macroeconômicas, sociais, culturais e ambientais.

O turismo é um movimento transformador por si só. O formato do turismo plantado pelos mercados e governos mundo afora é, em essência e em propósito, modificadores de cotidianos e orientados para a produção e a mercantilização. O turismo ainda caminha em grande magnitude nessa lógica, seguindo as cartilhas do consumo dos destinos. Sim, as transformações causadas pelo turismo são transparentes e sistêmicas, porque fincam raízes e entram no DNA das comunidades. Toda estrutura é modificada, nos novos ofícios, nas novas linguagens, na maneira de lidar com o outro, nas relações de troca. As microrrealidades dantes confinadas são ressignificadas.

Na contramão dessa avalanche, aparecem os indivíduos que não sabiam lidar, entender, reter ou gerir toda nova onda. O Turismo não nasce das pessoas, não é palavra que brota no berço, não se repassa na educação ou cultura, mas chega sorrateiramente, sem muito explicar, com certa discrição e fragilidade, até se tornar um gigante. Esse gigante é alimentado pelas políticas, pelo mercado, pelo consumo.

Cada cidade tem sua própria história, ou histórias. A história contada pelos órgãos oficiais e estruturas de poder, e outras, muitas, contadas pelas diversas realidades do lugar ao longo do tempo. A história do lugar é a história do seu povo, suas relações com o meio e entre si e as reconstruções cotidianas de pertencimento. Assim como o movimento das ondas

e das areias, a cidade também muda, ganha outros sentidos e paisagens, sons e costumes, redesenhados por meio de inúmeras interações.

Essa não é a primeira história contada sobre uma comunidade de praia e não será a última. Quantas comunidades de praia banhadas pelo mesmo mar sofrem os efeitos do turismo? Mas o mar não é o mesmo, as pessoas não são as mesmas e o turismo também não. Talvez por isso, arrisca-se dizer, com total responsabilidade, que este trabalho traz embutida uma certa originalidade, visto que os atores tais como estão aqui descritos, não mais serão outra vez investigados.

Este artigo encerra o ciclo de uma trilogia, atenta às transformações de um lugar, aliando duas teorias e muitas possibilidades. Outros caminhos vão sendo trilhados inspirados, principalmente, pelo turismo e São Miguel do Gostoso pode ser revisitada, reavaliada por outras perspectivas e teorias, que contribuam para seu entendimento. O turismo trouxe muitos benefícios para a cidade, estampados aos quatro cantos, nos índices, nas estatísticas, nos ventos, mas há o reverso da medalha ainda não é perceptível a todos os envolvidos. Mas tudo pode ser uma miragem, que o vento dissipará.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVITZ, M. **Thinking about growth and other essays economic growth and welfare**. Cambridge University Press, United States, 1989.

ALMEIDA FILHO, P.G.de. “**Aqui se faz Gostoso**”: uma etnografia do Turismo em São Miguel do Gostoso-RN. 2014. 135f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal d Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2014.

ÁLVAREZ, K. (2018). Debates contemporáneos sobre la (s) microhistoria (s): un viaje entre las escuelas europeas y de América Latina. **Revista Ciencias Sociales**, 1(38), 2018, 119-139. <http://revistadigital.uce.edu.ec/index.php/CSOCIALES/article/view/927>

ARAGÃO, W.H. (Org). **São Miguel do Gostoso: Um município construído a muitas mãos e uma história contada a muitas vozes**. Natal, Natal Editora, 2001.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DAS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS. Série Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Brasília: PNUD; Fundação João Pinheiro. IPEA, 2014. 120p.

BARROS, J.D.**O campo da História: especialidades e abordagens**.9ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 8ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.

CANCLINI, N.G. **A sociedade sem relato: Antropologia e estética da eminência**. São Paulo: EDUSP, 2016.

CHRISTOFAKIS, M. Strategic options for Tourism impacts on local sustainability: a conceptual approach. **Local economy**. Vol 25. n.7. November: 586-598, 2010. <https://doi.org/10.1080%2F02690942.2010.532357>

COSTA, W.F.L.; FONSECA, M.A.P. Lazer, turismo, especulação imobiliária e conflito territorial entre São Miguel do Gostoso e Touros (RN). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo. 13. (03). p.92-104. Set-dez 2019. DOI: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v13i3.1587>

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DENCKER, A.de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GIULI, M. Morfologia social e contextualização topográfica: a micro história de Edoardo Grendi. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. Volume 37. Número 76. setembro – dezembro. 2017. <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n76-07>

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HAGUETTE, M.T.F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HALL, C. M. **Planejamento Turístico: Políticas, processos e relacionamentos: Contexto**, São Paulo, 2001.

HERRIG, F.L.A. A história, a micro-história e a descontinuidade. **Revista Eletrônica História em Reflexão**. Vol.9. n.18. UFGD, Dourados, jul-dez 2015. <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/4746>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=241255&search=rio-grande-do-norte|sao-miguel-do-gostoso> acessado em 19 de outubro de 2020.

IVANOVA, T.P. Studying the impacts of event tourism on the host communities in Bulgaria. **Economic Processes Management: International Scientific E-Journal**. n.1, 2017.

INVENTÁRIO TURÍSTICO 2014 – São Miguel do Gostoso/RN / Coordenador: Marcelo da Silva Taveira. – Currais Novos: UFRN, 2014. 73 p.

FONSECA, M.A.P da; ALVES, M.L.B.; LIMA, R. M. M. de. Segunda residência e a construção dos vínculos identitários territoriais no Polo Costa das Dunas / RN. **PASOS Revista De Turismo y Patrimonio Cultural**, 14(5), 1229-1240. 2016. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2016.14.082>

LIMA FILHO, H.E.R. **Microstoria**: escalas, indícios e singularidades. 1999. 430f. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MARQUIEGUI, D.N. ¿Existió la microhistoria? **Revista História Unisinos**. 20(3) p.249-259. Setembro-Dezembro 2016. <https://doi.org/10.4013/htu.2016.203.02>

MUÑOZ, F. "Perspectiva microhistórica de una experiencia social: los padres de familia de San Rafael (Pasto) y la escuela liberal caucana, 1876". *Historia Crítica*, no. 48 (2012): Bogotá. p185-207. <https://doi.org/10.7440/histcrit48.2012.09>

NERI, Emanuel. **Latitude cinco**. Natal: Unilivreira, 2019.

OCAMPO LÓPEZ, J. La microhistoria en la historiografía general. **Historelo**: revista de Historia regional y local Vol. 1, No. 1, enero -junio: 202-228. 2009. <https://doi.org/10.15446/historelo.v1n1.9307>

OLIVEIRA, S.C.de. **Turismo e território em São Miguel do Gostoso (RN)**: a participação de estrangeiros no processo de turistificação. 2017, 157f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2017.

PAUL, B. D. The impacts of tourism on society. **Annals of the University of Oradea: Economic Science** (1): 500-506, 2012.

REVEL, J. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Revista Brasileira de Educação. Vol 15, núm. 45, septiembrediciembre: p.434-444., 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=275/27515491003>

SACHS, I. **Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado**: Garamond, Rio de Janeiro, 2008.

SANFELICE, J.L. História de Instituições Escolares e Micro História. **Revista HISTEDBR** On line, Campinas, n.39, p.32-41, set 2010. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/publicacoes/periodicos/histedbr-on-line>

SOUSA, P. G. de; MATIAS, E. M; SELVA, V.S.F. Do turismo residencial aos complexos turísticos imobiliários: a apropriação da zona costeira do nordeste brasileiro pela atividade turística imobiliária. **Ambiente & Sociedade**, 19(3), 2016. 177198. <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC141673V1932016>

TAVEIRA, M. da S. **Turismo e comunidades de praia em São Miguel do Gostoso**: processo de turistificação no litoral potiguar. Natal: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

TAVEIRA, M. da S. Repercussões das políticas de turismo no Rio Grande do Norte Brasil: o case de São Miguel do Gostoso. **Revista Turismo Visão e Ação**. Volume 18. Número 1. janeiro-abril 2016. p.193-217. <https://doi.org/10.14210/rtva.v18n1.p193-217>

TRINDADE, T. C. da S. **Dando um banho de carinho!** – Os caça gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagens turísticas (Pipa-RN). 2009. 260f, Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação em Antropologia Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2009.

VEIGA, J. E. da. A Primeira Utopia Do Antropoceno. **Ambiente & Sociedade**, 20(2),227-246. abril-junho 2017 <https://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asocex002v2022017>

VIAGEM E TURISMO. São Paulo: Editora Abril. Edição 239. setembro de 2015. 130p

A mirage blown away by the wind: effects of a tourism micro-historical analysis

Abstract:

This Essay attempted to perceive social economic changes resulting from Tourism in locals' daily lives at São Miguel do Gostoso municipality, Rio Grande do Norte State. This research is the last one from a trilogy that aligns the Micro-History theory and Tourism, based on Micro-relationships between dwellers and Tourism flow. Investigation occurred by means of field immersion from 2014-2016. The Headquarters District and the selection of two groups of interviewees were used as a methodological cut: one composed of individuals who held positions, such as municipal secretaries, mayor and vice mayor, and a second group, represented by the owners of water sports companies, activity that provided the leverage of tourism in the city since the second half of 2000. A semi-structured interview protocol was used, face to face, with audio recordings and recording of handwritten information, in addition to direct observation of the participant. Testimonies showed that real estate speculation, local purchasing power, emergence of new enterprises, overvalued goods, hospitality and tour prices, in addition to national projection and seasonal employability display a town that yields to Tourism appeal, by daily facing it. At last, one can conclude that testimonies results on better living conditions do not totally reflect other dimensions of social welfare in S. M. do Gostoso, and should not be taken as exclusive, or unique as one regards municipality. Besides, the research showed considerable social economic changes as attributed to Tourism, even stronger than municipal emancipation or wind power.

Keywords: *Tourism. Micro-History. São Miguel do Gostoso.*

Artigo recebido em 28/08/2020. Artigo aceito em 26/10/2020.